

ENTREVISTA // PATRUS ANANIAS

“Ninguém mais vota por prato de comida”

Jose Varella/CB - 25/10/06



PATRUS: “ENTROSAMENTO ENTRE A POLÍTICA ECONÔMICA E AS POLÍTICAS DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL”

O senhor concorda que os programas sociais, principalmente o Bolsa Família, foram os responsáveis pela reeleição do presidente Lula?

Eu acredito que nós tivemos um conjunto de fatores. O nosso ministério teve sim a sua participação, mas dentro de um contexto mais amplo. Primeiro, nós temos de destacar a liderança e a capacidade de comunicação com o povo do presidente Lula, que teve força para enfrentar a campanha determinada de alguns setores da oposição e da imprensa contra o governo. Ele demonstrou ter uma capacidade moral e espiritual muito grande e isso foi um ponto fundamental. Em segundo lugar, eu acho que nós tivemos um grande êxito no governo integrando o econômico com o social, independentemente das críticas.

E o senhor não faz críticas à política econômica?

O fato foi que houve um entrosamento entre a política econômica e as políticas de desenvolvimento social. Nós não teríamos o êxito social, com transferência de renda, com o Bolsa Família e etc., se nós não tivéssemos uma economia equilibrada, com um controle de inflação rigoroso. Então, o fato de nós termos contas estabilizadas, possibilitou que os benefícios garantissem o poder de compra. Pela primeira vez estamos revertendo o quadro social do Brasil. As pessoas estão se alimentando mais e melhor. São pontos positivos que tiveram uma âncora também na estabilidade e na segurança que o governo trouxe para a economia.

Então, para o senhor, a condução da economia é correta?

Eu não sou um especialista em economia, mas com economia não se brinca. De boas intenções está muito bem calçado o caminho do inferno. Eu fui prefeito de Belo Horizonte e acredito que economia deve ser a parte da defesa de um time. É necessário agir com muita segurança e se o controle for perdido não se faz mais nada. Não tem social se não tiver segurança econômica. A história ensina isso. Muitos governos bem-intencionados fracassaram porque não tiveram os cuidados devidos. Devemos ter cautela e rigor nessa questão. Lógico que todos nós queremos a queda da taxa de juros, mas temos de trabalhar diante da realidade. A questão da inflação, por exemplo, é fundamental e uma coisa complementa a outra. Se tivéssemos uma economia inflacionada, certamente os benefícios seriam atingidos.

Além da economia, outros fatores ajudaram a impulsionar programas da sua pasta?

Mesmo no campo social, onde

nosso ministério tem ações importantes, houve um encontro de ações sociais desenvolvidas por outros ministérios muito vitoriosos. Por exemplo, o Pronaf (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), o Luz para Todos, o ProUni, o Brasil Sorridente, as Farmácias Populares, entre outros. É claro que nosso ministério deu uma contribuição efetiva. De uma forma mais visível, por intermédio do Bolsa Família. Mas lembrando que o Bolsa Família não é um programa isolado, ele está num contexto de políticas públicas voltadas para a promoção dos pobres que é civilizatória. É uma conquista histórica e suprapartidária.

Mas a oposição tenta vender a idéia de que o Ministério do Desenvolvimento Social restringiu suas atividades ao Bolsa Família...

Claro que há um equívoco. Não é uma visão completa. Estudiosos, especialistas, organismos mundiais dizem que estamos consolidando uma grande rede de políticas públicas e colocam a importância dessas ações integradas e intersetoriais. Nós tiramos a assistência social do campo do clientelismo, da distribuição de cestas básicas em períodos eleitorais e colocamos essa assistência no campo das políticas públicas.

Quando o senhor fala que essas ações implementadas pelo ministério intimidaram o assistencialismo, quer dizer que isso pode explicar o fracasso eleitoral de algumas figuras políticas, principalmente do Nordeste...

Eu não fiz um estudo sobre isso. Mas o que eu sinto é que essas políticas públicas estão tornando as pessoas mais cidadãs, com maior consciência dos seus direitos e deveres. Ninguém mais é obrigado a votar por um prato de comida, uma cesta básica ou um par de botas. As pessoas não entram nesses programas, que são normatizados por lei, por critérios subjetivos. E temos a parceria efetiva de setores da sociedade que tratam e se preocupam com essas questões. Trabalhamos com prefeituras, estimulamos o cooperativismo e isso é inédito.

Alguns empresários, principalmente do Nordeste, reclamam que depois do Bolsa Família não conseguem mais mão-de-obra barata...

Estamos ajudando a combater o trabalho escravo e o trabalho em condições indignas. Nós temos algumas pesquisas que atestam o impacto positivo do Bolsa Família nas economias regionais. Pessoas que nunca compraram estão comprando, melhorando suas casas, suas vidas. Estamos consolidando o mercado interno e formando

novos consumidores. Nós hoje pagamos um preço muito alto no Brasil porque não tivemos no passado o cuidado de implementar uma rede de proteção social como esta que está aí agora. Há um preconceito, resquício da escravidão, de que o pobre não quer progredir. Dizem que os programas de distribuição de renda acomodam as pessoas e isso é um absurdo. É a idéia de que o pobre não tem desejo, não quer uma vida melhor.

O senhor acha que sua missão já foi cumprida?

As pessoas são passageiras e projetos permanentes, mas estamos avançando muito. O presidente Lula, inclusive tem seu lugar assegurado na história no lado social. Mas tudo é um processo e temos outros desafios. O ministério ainda precisa se adequar, porque está aquém de suas necessidades. Precisamos de mais recursos humanos, financeiros e até espacial. Temos pouco mais de mil funcionários num ministério que atua em todos os estados brasileiros. Mas há um longo caminho pela frente ainda.

Circula a informação de que o senhor teria colocado seu cargo à disposição do presidente Lula. Isso aconteceu?

Tive e tenho muito orgulho de ser ministro do presidente Lula pela confiança que ele sempre depositou em mim e em toda a equipe. Não procede a informação de que eu tenha colocado meu posto à disposição.

E o senhor acredita que o PT pode abrir mão do Ministério do Desenvolvimento Social para um aliado?

Formação de equipe é responsabilidade do presidente da República. Ele (Lula) foi eleito com uma votação expressiva e o povo brasileiro delegou a ele novamente a missão de montar sua seleção. Mas pelo nosso programa de governo, pela campanha que nós fizemos e as declarações do presidente, vamos governar para todos, mas os pobres continuarão sendo nossa grande prioridade. Antes de reivindicar cargos, o PT deveria pensar em como pode colaborar com o governo, debatendo grandes temas nacionais.

O senhor acha que o PT atrapalhou muito o governo Lula?

Atualmente, minha vida é dedicada ao ministério. Hoje eu não estou em nenhuma instância partidária, continuo filiado, defendendo o partido, mas eu prefiro não emitir julgamentos. Os acontecimentos foram sofridos para todos nós, mas superados. Nós precisamos ter mais transparência. Eu, por exemplo, contribuo com o partido e não sei onde o dinheiro é investido.